

**GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação****UMA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO: A IMAGEM FEMININA VEICULADA NA  
NOVELA SALVE JORGE**Edineide S. Sá Leitão<sup>1</sup>Lúcia Bahia B. Campello<sup>2</sup>Kiara Tatianny S. Da Costa<sup>3</sup>**INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta uma análise da telenovela *Salve Jorge*, escrita pela autora Glória Perez e veiculada pela Rede Globo de televisão no ano de 2013, no horário das 21 horas. Foi exibida entre 22 de outubro de 2012 e 17 de maio de 2013, em 179 capítulos.

A motivação para o estudo se justifica pela repercussão gerada na mídia por este folhetim. Inclusive por ter prestado contribuição social, a partir do momento que colaborou para desvelar casos de tráfico de mulheres, exploração sexual e fomentou a mobilização da população para a denúncia. No entanto, demonstrou fragilidade quanto às questões de igualdade de gênero, porque ao mesmo tempo em que veiculou cenas que retratavam o drama vivenciado por muitas jovens brasileiras vítimas do tráfico, contraditoriamente também exibiu imagens, músicas e discursos que reforçaram a discriminação e exclusão feminina na sociedade.

Nessa direção o estudo visa contribuir no sentido de analisar visões preconceituosas e discriminatórias em relação ao papel da mulher na nossa sociedade, com o intuito de ultrapassar discursos veiculados pela mídia, especificamente pelas novelas que obscurecem a

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Pernambuco.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Pernambuco.

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Pernambuco.

nossa capacidade de perceber com clareza as condições de desigualdade e injustiça sociais impostas ao universo feminino.

Freire (2005) nos ajuda a pensar sobre essa questão quando afirma que é reconhecendo a sua condição de subordinação ao sistema social vigente e a falta de acesso aos direitos políticos, sociais e econômicos que o sujeito pode se tornar capaz de ocupar outros espaços na sociedade. Isso inclui o desvelamento das verdades construídas historicamente pelos grupos dominantes da sociedade, interessados na manutenção do poder e desigualdade social. Ele faz críticas ao modelo de educação bancária ainda presente em nossos espaços educacionais, pois constitui-se como proposta de formação que não colabora com uma visão mais ampla e crítica da realidade e pauta-se em metodologias que não estimulam o diálogo, a criatividade e o desejo de mudanças. Por isso que Freire (2005) aposta em um projeto educativo que possibilite a tomada de consciência das pessoas acerca de seus direitos e que possam ser respeitadas em suas diferenças de classe, cor, idade, gênero, religião e orientação sexual.

Sendo assim, trazer a questão da mulher para o debate crítico é assumir uma atitude de indignação e inconformismo com a exclusão, apostando na possibilidade de elaborar outra história para a atuação feminina na sociedade. “É solidarizar-se com todas as mulheres que desafiaram os poderes solidamente organizados sofrendo as consequências de suas atitudes, É também compreender que a submissão é um processo cruel que impede a própria vontade de viver dignamente”. (TELES, 2003, p.101).

Coerentes com a proposta de análise deste estudo, utilizamos a abordagem qualitativa, pois esta metodologia não se restringe a uma visão estreitamente racionalista do conhecimento, mas preocupa-se com os significados das ações dos indivíduos no contexto em que estão inseridos, sem desconsiderar os conflitos e as ambiguidades presentes nas práticas sociais. Segundo Minayo (2006).

A pesquisa qualitativa, responde a questões muito particulares, por se preocupar com um nível de realidade que não pode ser apenas quantificado, melhor dizendo [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2006, p.21-22).

Para apreciação do material empírico fizemos uso da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2010). Esta forma de investigação nos possibilitou apreender o conteúdo expresso na novela e favoreceu ir além do conteúdo manifesto, superando uma visão superficial do

conteúdo. Conforme explicita Minayo (2006, p.308): "[...] a análise de conteúdo parte de uma leitura de primeiro plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material”.

Entendemos, pois, a análise de conteúdo como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2010, p.33).

A análise temática foi a modalidade escolhida, tendo em vista nossa pretensão por analisar o que estava sendo veiculado na novela, inclusive subliminarmente. De acordo com Bardin (2010) esta análise demanda 3 etapas: a primeira, refere-se à pré análise, onde é realizada a leitura flutuante e a constituição do corpus da pesquisa e a delimitação dos objetivos, a segunda, etapa da exploração do material, e a terceira, o tratamento dos resultados e a interpretação. Desta forma selecionamos algumas falas de determinados personagens e trechos de três músicas, da trilha sonora, para serem analisadas.

As teorias que alimentam as reflexões aqui apresentadas fundamentam-se nos estudos de Foucault (2010), Freire (2005), Hunt (2009) e Bardin (2010). Além disso, tem como aporte o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, eixo 5- Educação e Mídia.

Nessa direção o conceito de gênero que tomamos como base para a pesquisa está referendado nos estudos foucaultianos, que entende as relações sócio político culturais estabelecidas na sociedade atual, imbricadas com o poder. Para Foucault o poder deve ser compreendido como “estratégias que se originam e cujo esboço ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.” (FOUCAULT, 1998, p. 103). Nessa direção gênero é aqui considerado como classificações culturais que dão ordem a “natureza, a sociedade, as instituições e os modos de ser das pessoas [...]. Ele ordena nossa forma de pensar delimitando qualidades, espaços, atitudes, poderes a serem distribuídos entre homens e mulheres.” (ALBERNAZ e LONGHI, 2009, p.84).

## **DISCUTINDO SOBRE GÊNERO NA NOVELA SALVE JORGE**

Para essa reflexão é importante ressaltar que o processo de construção de uma sociedade democrática e justa passa pelo questionamento da realidade presente. Para tal é necessário que a educação possibilite o conhecimento a respeito dos mecanismos de

dominação, além de potencializar o cidadão e cidadã enquanto sujeitos de direito e construtores da sua história.

Tratamos neste estudo das possibilidades de trazer para o debate pedagógico a discussão acerca do papel da mulher na sociedade, ainda visto sob a ótica de cultura machista e excludente e que tem sido reproduzida pelas formas de educação na escola, na família e pelos principais veículos de comunicação.

Neste sentido compreendemos a educação como um dos caminhos possíveis para a construção de uma sociedade mais justa e democrática para as mulheres. Para isso torna-se imprescindível tornar pública a memória das lutas sociais e conquistas de direitos que vêm sendo construídas no decorrer do tempo pelos movimentos sociais e feministas, com a clareza das dificuldades, mas, sobretudo fazendo uso dessa história como viabilidade de justiça e liberdade.

É nessa perspectiva que trazemos os estudos de Lynn Hunt para mostrar como os direitos das mulheres, foi uma questão tardiamente discutida no cenário ocidental. Apenas nos séculos XVII inicia-se um processo de percepção da mulher na sociedade, mas ainda muito restrito ao entendimento da mulher enquanto cuidadora do lar sob a égide do poder dos pais ou maridos e restritas ao aprendizado das prendas domésticas.

As mulheres não tinham vez nem voz nas discussões iniciais sobre os direitos dos cidadãos e cidadãs, mesmo nas lutas por liberdade emblemáticas da Revolução Americana e Francesa do século XVIII. É interessante observar como afirma a autora, que no final do ano de 1789 após a Revolução Francesa alguns grupos sociais historicamente discriminados começam a ver possibilidades de serem incluídos como cidadãos e cidadãs pela classe política dominante, no entanto para a classe feminina os direitos iguais permaneciam inimagináveis na concepção de toda a população daquele período. Somente na última década do século XIX o feminismo começa a ganhar a conotação emancipatória que assistimos atualmente.

A discussão sobre a violência contra a mulher recebeu mais atenção e destaque nas décadas de 1960 e 1970 quando surgiram os movimentos feministas internacionais que lutavam pela igualdade entre homens e mulheres. Conforme Buarque (2001) o feminismo no Brasil se intensifica no fim dos anos 70 pela participação das mulheres nos movimentos de contracultura, nos partidos clandestinos de esquerda e no movimento feminista internacional. É no período da mobilização pela redemocratização do país que a mulher ganha maior autonomia política e espaço para expressar-se como voz ativa na sociedade.

Ainda conforme a autora, o resultado dessa mobilização vem favorecendo a mulher uma maior penetração nos espaços públicos, buscando “não a simples adaptação a esses

espaços, mas uma atuação cidadã mais ampla que não contempla apenas igualdade de direitos, mas também o direito à diferença.” (BUARQUE, 2001,p.233).

Essa discussão torna-se, também, relevante quando nos referenciamos pelo Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006), que representa na atualidade, um dos instrumentos fundamentais na busca pela melhoria na qualidade da educação para todos os níveis e nas diversas etapas e modalidades de ensino. Tal documento está estruturado em cinco grandes eixos: 1-Educação básica; 2- Educação Superior, 3- Educação não formal; 4- Educação dos Profissionais dos Sistemas de Justiça e Segurança Pública e 5-Educação e Mídia.

Destacamos nesse estudo o eixo 5, Educação e Mídia como importante instrumento para a leitura crítica dos meios de comunicação, que busca orientar professores/as e estudantes a perceberem como o poder e a informação estão inter-relacionados e reproduzem estereótipos e preconceitos. Tendo em vista que o discurso dos meios de comunicação se não problematizados mais profundamente, tendem a naturalizar uma lógica de comportamento social, político e econômico que esvazia ainda mais o poder de reivindicação popular e dos direitos humanos.

Compreendemos que os meios de comunicação têm papel preponderante no reforço ao preconceito e a exclusão daqueles que se apresentam diferentes dos padrões físicos de beleza e inteligência, conforme os ideais da cultura dominante, pautada no homem branco, caucasiano, europeu, heterossexual e, em sua grande maioria, católico.

Neste sentido os homens passam a ter mais poder que as mulheres, visto corresponderem as expectativas desse modelo hegemônico, enquanto que as mulheres ocupam papel de subordinação. É esse modelo de sociedade que se apresenta, ainda hoje, de forma subjacente em grande parte das nossas instituições, nos veículos de comunicação e nos modelos de escolas marcados pela exclusão e discriminação social.

Essa discussão amplia sua importância quando nos faz refletir acerca de programas televisivos, que mesmo demonstrando interesse em apresentar temáticas da realidade social, a preocupação não ocorre em sua totalidade, mas de forma fragmentada e muitas vezes contraditória. Este é o caso da novela “Salve Jorge”. Ao tratar do tráfico de seres humanos, destacando o drama vivenciado por muitas pessoas que são enganadas e levadas a outros países pela ação de grupos de traficantes com intuito de exploração sexual, a novela chama a atenção do público para uma temática pouco conhecida na sociedade, contribuindo para alertar a população e os órgãos governamentais e preventivos sobre os casos de tráfico de pessoas. Neste sentido algumas repercussões do trabalho realizado pelo folhetim foram

evidenciadas pela mídia, como por exemplo, o caso em que uma telespectadora denunciou uma quadrilha internacional, que traficava mulheres para a Espanha e as obrigava a se prostituir.

As denúncias na novela "Salve Jorge" também surtiram efeito junto à presidência da república. Por conta das repercussões, a presidenta Dilma criou a Coordenação Tripartite da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, para traçar a estratégia da política nacional de combate a esse tipo de crime.

Como vemos, a novela trouxe um debate importante, todavia como já mencionado, contraditoriamente explora a imagem de várias garotas que aparecem em cena dançando ao som de músicas de conteúdos apelativos ao sexo, focando em partes específicas do corpo (bumbum, pernas e barriga). Os gestos, os movimentos corporais (dança) e os diálogos estabelecidos entre as atrizes, moradoras da comunidade, fazem menção ao corpo feminino como objeto, mercadoria que pode ser facilmente saboreada, vendida ou descartada.

Vários capítulos são dedicados às cenas em que as moças dançam funk na rua, na balada ou em casa, de forma erotizada ou se exibem em uma laje tomando sol, enquanto alguns "marmanjos" típicos do modelo *heteronormativo* as espiam e soltam termos pejorativos como: "*se isso cru é bom, imagine, assim, assado e ainda por cima bezuntado na manteiga.*" \_ comentário feito pelo personagem pescoço, vivido pelo ator Nando Cunha, ao observar a personagem Maria Vanúbia, representada pela atriz Roberta Rodrigues, em cena, de biquíni numa laje, no Morro do Alemão.

Louro (2009, p 90) entende que: "[...] heteronormatividade é a produção e a reiteração compulsória da norma heterossexual. supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais - daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado".

Frequentemente as cenas vêm acompanhadas de melodias, cujas letras induzem a certa culpabilização da mulher por usarem roupas curtas e coladas ao corpo numa atitude provocativa como se assim induzissem aos homens a manifestarem seus desejos sexuais. Ilustra bem essa ideia a música "Gatinha Assanhada", do cantor Gustavo Lima, em que o refrão expressa de forma recorrente a seguinte declaração: "Gatinha assanhada cê tá querendo o quê"? Seguida da resposta no mesmo refrão: - Eu quero mexer!

No entanto a canção também instiga ou, mais exatamente, faz um chamamento para que as garotas realizem um movimento corporal que expresse um convite ao abuso do seu

próprio corpo. Podemos conferir isso em outro trecho da mesma canção, em que o cantor diz: “DJ aumenta o som e deixa acontecer, tô curtindo parado, vendo ela mexer. Tá perdendo a linha, descendo na balada com o dedinho na boca. Ela tá pirada”...

É importante ressaltar nessa discussão que a ausência de reflexão sobre o conteúdo expresso e a intencionalidade da música, as mulheres acabam de fato absorvendo tais comportamentos e materializando-os em gestos e aceitação da exploração sexual que acaba se efetivando na prática.

Reitera essa discussão acerca da responsabilização às mulheres pelas investidas dos homens a música do Mc Koringa tocada nas cenas em que as garotas aparecem dançando numa danceteria do Morro do Alemão. Podemos conferir isso na seguinte estrofe: *Na favela o baile é lazer quando solta o tamborzão, com a mão no joelho, olhando pro lado, descendo até o chão. Mulherada adora curtir. Elas sabem seduzir. Loira, morena ou mulata, hoje eu vou me divertir.*

É interessante que, todavia a música ao demonstrar que “independente da mulher ser loira, morena ou mulata, dá pra se divertir”, deixa claro que a ideia é uma visão preconceituosa que todas as mulheres podem ser exploradas como peça a disposição da manipulação do homem.

A novela teve como protagonistas Morena (Nanda Costa) e Théó (Rodrigo Lombardi). Morena fez papel de uma jovem corajosa que foi mãe aos 14 anos e lutava para criar o filho Júnior (Luiz Felipe melo) junto com sua mãe Lucimar (Dira Paes). Foi no Complexo do Alemão que ela conheceu e se apaixonou por Théó (Rodrigo Lombardi) oficial da cavalaria do exército. No entanto o romance dos dois foi interrompido em virtude da saída de Morena do Brasil alimentada por falsas promessas de excelente oportunidade de emprego no exterior. Sofrendo por problemas financeiros que poderiam comprometer a casa em que ela morava com a mãe, Morena viu a grande oportunidade de resolver a sua vida através do convite para trabalhar, por alguns meses apenas, fora do país feito por Wanda (Totia Meireles), uma traficante de pessoas da quadrilha de Livia (Claudia Raia). Livia Marini era uma mulher sofisticada, estilosa e inteligente, acima de qualquer suspeita. Apresentava-se como agenciadora de talentos artísticos, com contatos preciosos no mundo da moda e do show business. Em função dessas atividades, costumava passar longas temporadas fora do Brasil. Assim não aparecia sua principal atividade como agenciadora para o tráfico de pessoas. Ela agia contratando olheiros e providenciando os documentos falsos para viabilizar a viagem das vítimas, que eram seduzidas com excelentes ofertas de empregos, muito bem pagos, no exterior. Assim como Morena, Jéssica (Carolina Dieckman), Rosângela (Paloma Bernardi),

Waleska (Laryssa Dias) entre várias outras meninas acabaram caindo na armadilha preparada por Wanda. As jovens embarcavam acreditando que rapidamente teriam dinheiro suficiente para mudar de vida e ajudar a família, mas acabavam sendo presas e escravizadas. Elas permaneciam em um alojamento pequeno dentro de uma boate na Turquia, onde eram obrigadas a trabalhar se prostituindo.

Também eram destaques na trama as personagens Lurdinha (Bruna Marquezine) e Maria Vanúbia (Roberta Rodrigues). As duas personagens apresentaram perfis muito parecidos: gostavam de discutir, exageravam nos trejeitos e falavam alto o tempo todo. As discussões giravam em torno de quem tinha maior capacidade de sucesso na vida, tendo o corpo como moeda de troca. Para a Maria Vanúbia a sua única chance de se dá bem seria o passaporte para trabalhar no exterior, esperava, no entanto, que um empresário a valorizasse pelos seus dotes físicos e a levasse para outro país. Já Lurdinha também sem aparente interesse pelos estudos ou trabalho apostava em relacionamentos com traficantes do morro, que poderiam garantir para ela joias, dinheiro e luxo.

Na novela outro personagem de destaque era o personagem apelidado como Pescoço, vivenciado pelo ator Nando Cunha e casado com a personagem Deuzuite.

A quadrilha responsável pelo tráfico foi formada pela aliciadora e auxiliar direta, Wanda, a gerente de boates, Irina (Vera Ficher), e o chefe da segurança, Russo (Adriano Garib). No entanto, no caminho de Lívia estava a competente delegada de polícia Heloísa (Giovana Antoneli) que, se tornou durante a história delegada federal e encarregou-se de investigar os crimes de tráfico de pessoas. No final da história, Heloísa conseguiu, com o apoio principalmente de Morena e Théo, desbaratar a quadrilha e prender os responsáveis.

O folhetim foi constituído por diferentes núcleos. Para o nosso estudo optamos pelo núcleo que representava os personagens que vivenciavam o dia a dia na Comunidade do Alemão, porque foram neste lugar que foram evidenciadas as cenas de maior exploração do corpo feminino e da percepção romantizada sobre o universo da mulher, em que a fragilidade e a dependência à figura masculina são mostradas em diferentes situações.

Essas questões foram evidenciadas, por exemplo, na história de amor vivenciada por Morena e Théo, em que mesmo trazendo um perfil de mulher batalhadora e forte, a personagem se apaixona pelo capitão do exército representante da figura do macho forte, viril, protetor e ainda por cima devoto de São Jorge.

Vemos nesse perfil uma clara relação com o padrão heteronormativo ainda regido pela nossa sociedade, em que o modelo aceito é do homem branco, europeu, católico e heterossexual.

Reitera esse argumento a letra recorrente da música do cantor Roberto Carlos que traz como refrão *“O cara que pega você pelo braço, esbarra em quem for que interrompa seus passos, está do seu lado pro que der e vier. O herói esperado por toda mulher. Por você ele encara o perigo. Seu melhor amigo. Esse cara sou eu”...*

Na cena em que o capitão Théo pergunta a Morena porque ela não procurou depois que foi para o exterior. A jovem diz que não podia e que precisava se proteger. Morena não teve coragem de contar a verdade sobre a sua vida de prostituição forçada que vivenciou fora do Brasil. Nesse momento Théo declara *“Porque não pediu socorro pra mim? Eu tinha ido lá, eu te arrancava de lá, eu te trazia de volta!”*, numa atitude típica de herói capaz de proteger a mulher frágil e desamparada.

Esse excesso de proteção coloca a figura feminina no lugar de pessoa frágil e desamparada, que precisa ser “cuidada” e “protegida”. Não sendo o sexo forte, cabem a elas posições secundárias em relação ao homem. Essas questões trazem desdobramentos para a vida das mulheres em diferentes circunstâncias da vida cotidiana. Como afirmam Luna e Freitas (2012), as posições bem delimitadas para meninos e meninas são estabelecidas desde cedo na família e depois na escola. Na família mesmo hoje já sendo permitidos os mesmos direitos no que diz respeito à escolha profissional a mulher é ainda a maior responsável pelas tarefas domésticas, educação dos filhos e cuidadora das “coisas” do marido. Da mesma forma na escola isso vai ocorrer quando são delimitadas posições para meninos e meninas em jogos, nas brincadeiras, nas atividades em sala de aula.

## **OS DISCURSOS MAIS RECORRENTES**

As falas dos personagens estão repletas de significados subjacentes em que podemos perceber diferentes significados nos os jargões emitidos pela personagem Maria Vanúbia em diferentes capítulos, por exemplo: *“aceita que dói menos”*.

Essa afirmação expressa à intencionalidade política impressa no discurso revela qual o lugar da mulher na sociedade - ao invés de reivindicar os seus direitos, o melhor para a mulher é aceitar de forma submissa aceitação da inferioridade em relação ao homem, o silenciamento e a exclusão. Remete ainda ao modelo de relação sexual em que o homem é a figura dominante, é o sujeito da relação com direito a ditar as regras.

Outra fala que chama atenção é a do personagem pescoço que representa a figura de um típico “malandro carioca”. Este personagem faz parte também do núcleo do Morro do Alemão e é casado com Deuzuite (Solange Badin). Numa das cenas Pescoço solta \_ *“tanta*

*carne nesse mundo e eu lá em casa comendo alface*” \_ Essa afirmação reforça a ideia de que a mulher dotada de corpo bem definido, pernas torneadas e bumbum volumoso representa o tipo ideal valorizado pela maioria dos homens.

Na situação ao afirmar que come alface em casa, o personagem refere-se a sua esposa (Deuzuite) a qual é mais velha e possui um corpo mais magro e esguio, sem os predicados apresentados pela Vanúbia. Com isso observa-se além da desvalorização pelo corpo que não está dentro do modelo escultural instituído pela sociedade de consumo.

Numa outra cena em que Lurdinha e Vanúbia discutem na rua, um dos vizinhos da comunidade *o personagem afirma “eita que o carcarejo começou cedo”*, referindo-se ao bate boca das moças como comportamento de galinha não de gente. Nessa afirmação também vemos impresso o cunho normativo que rege o discurso dominante.

Fazendo uma analogia ao pensamento de Rios e Adrião (2012) que nos chama a atenção sobre os termos usuais utilizados pelo senso comum para denominar homens efeminados e mulheres masculinizadas comparando essas pessoas a animais ou coisas como, por exemplo, “bicha”, “frango” e “sapatão”. Tais termos sugerem o desrespeito a essas pessoas enquanto seres humanos. “Por desarrumarem as normas de inteligibilidade cultural a “bicha”, o “veado” e a “sapata” podem ser violentadas” (p.211). Da mesma forma podemos compreender que associar a mulher a figuras de bicho significa minimizar o potencial humano que a constitui, portanto significa dizer que a mulher não “sendo gente”, não tem condições de reivindicar os mesmos direitos do homem e a mesma posição na sociedade.

Neste caminho buscamos refletir acerca das relações desiguais estabelecidas entre homens e mulheres, de modo a considera-las como imposições sociopolíticas historicamente construídas e desta forma pensar na desnaturalização dos modelos eleitos enquanto padrões, que colocam os homens em posição hierárquica acima das mulheres.

Contribuindo com esta linha de pensamento temos, também, um modelo de corpo que corrobora com as ideias aqui expostas.

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico. (...) O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. (GOELLNER, 2010, p.28).

É interessante observar como o folhetim inscreve um perfil às mulheres oriundas de comunidades pobres, como se todas as jovens que vivem nesses espaços passassem o dia

inteiro sem ocupação, discutindo na rua, observando as vidas alheias, dançando funk e pagode e tomando sol na laje.

Como afirma a historiadora Silva (2013) tem muita coisa acontecendo no Morro do Alemão: as pessoas fazem arte, mobilizam-se, fazem cursos preparatórios para vestibular comunitário, participam de ações e trabalhos em ONGs e associação de bairro, portanto não é somente lugar de ociosidade, tráfico de drogas, festejos, bate boca e gritaria. Essa autora vê ainda que a preocupação de ter um olhar mais amplo para a favela tem a ver com “a vontade política em evidenciar que existe vida, alegria, responsabilidade, trabalho e criatividade nesses lugares, portanto é um compromisso com a própria diversidade”.

Os estudos de Rios e Adrião (2012) nos ajudam a pensar de que forma assumimos determinados papéis e nos posicionamos em determinados lugares na sociedade. Para estes autores somos guiados através de mapas culturais que situam e organizam nossa forma de ser e estar no mundo: crenças, vestimentas, tipos de alimentação, escolhas profissionais, orientação sexual.

Nesse sentido, repetimos aquilo que é imposto pelo modelo cultural vigente, inclusive na expressão da nossa corporeidade, pois “a modulação corporal que as culturas promovem, não é apenas exterior ou circunstancial, elas fazem parte do engendramento das subjetividades” (RIOS e ADRIÃO, 2012, p.193), ou seja, nosso modo de pensar, agir, sentir e nos movimentar é influenciado pelo modelo de educação familiar, escola, informações da mídia e pelas relações no mundo do trabalho.

Importa considerar neste debate que a história da sexualidade e o seu engendramento na representação social da sociedade heterossexual estão relacionados às relações de interesse do sistema capitalista. Nos estudos de Foucault (1979) é o chamado biopoder o modo pelo qual os governantes controlam e administram a vida das populações. Para este autor a preocupação pela manutenção de papéis definidos para homens e mulheres aparece desde o cristianismo, onde o sexo era autorizado pelas leis de Deus apenas para a reprodução, devendo ocorrer exclusivamente entre os sexos opostos, assim, aqueles que buscassem o prazer e a criatividade nas relações sexuais ou fugissem do modelo heterossexual eram perseguidos e mortos.

No entanto, o surgimento das sociedades burguesas com o fim do feudalismo fez surgir transformações no modo de enxergar a sexualidade, o que antes era um campo controlado pela Igreja, passa a ser objeto de interesse do Estado burguês. A sexualidade torna-se temática importante de estudos da ciência e das forças de poder político, cujo objetivo é aumentar os contingentes populacionais para a mão de obra produtiva e para o consumo.

Nesse contexto observamos que os projetos elaborados pelos grupos dominantes

ganham contorno e direção conforme as reais pretensões desses grupos. Assim, as formas de linguagem utilizada nos diversos campos da ação humana: no trabalho, na escola, nas instituições sociais, na mídia conduz as formas de violência simbólica a que somos submetidos.

Sobre essa discussão Macedo e Bertolome (2000) vêm nos mostrar que dependendo da forma como são aplicados termos como *diversidade, inclusão, tolerância, aldeia global, reformas* podem ser exemplos de expressões que imprimem a violência simbólica, mascarando o objetivo dos grupos que desejam se manter no poder, não só produzindo desigualdades culturais e sociais, mas também distorcendo e falseando realidades.

Sobre essa discussão Foucault (1979) acrescenta que há interesses políticos no tratamento dado ao corpo, em nossa sociedade quando afirma que “as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.” (p. 25).

Sem dúvida a falta de conhecimento da população sobre os mecanismos de poder historicamente construído para manter o privilégio de uma cultura machista e excludente ainda é um fator que inviabiliza o avanço nas mentalidades em favor da melhoria destas relações.

Neste mesmo sentido percebe-se que não são viabilizadas formas de educação nas escolas que possibilitem interligar o conhecimento no sentido do que nos diz Morin (2000):

é preciso uma educação que proporcione reformas no modo de ser e conviver do homem na sociedade. Em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades. (MORIN, 2000, p.17).

Isso significa estudar as causas da intolerância e da incompreensão a partir de sua origem histórica e cultural. O autor afirma ainda que não nos preocupamos em encontrar as explicações “quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldade, tendências ao erro e à ilusão, e não nos preocupamos em fazer conhecer o que é conhecer” (Ibidem, p.14). Refletir sobre estas questões nos ajudaria a entender quais as raízes dos problemas sociopolítico e cultural expressos nas formas de violência expressas na discriminação contra a mulher, no racismo, xenofobia, dentre outros.

Tavares e Filho (2010) aponta alguns algumas questões importantes que podem ajudar na análise crítica da mídia:

- ✓ Levantar a vasta legislação na defesa dos direitos humanos em relação aos meios de comunicação que ajudem a identificar o que está sendo veiculado de forma distorcida

ou incorreta em determinada notícia ou programação;

- ✓ Não confiar em apenas uma fonte de informação, para isso utilizar-se de diferentes meios de comunicação para conhecer as diferentes versões sobre um fato;
- ✓ Reconhecer o conteúdo e a forma das notícias, ou seja, o que é transmitido e como é transmitido, pois “o uso de termos como “menor” (em lugar de criança) “invasão” (em lugar de ocupação) “tribo” (em lugar de povo), “favela” (em lugar de comunidade ou bairro), já expressa uma posição política”.

Acrescentamos ainda a necessidade de ampliar o olhar e analisar o que está nas entrelinhas nos conteúdos musicais, programas humorísticos, filmes e novelas que acentue práticas de discriminação contra pobres, negros, mulheres, homossexuais, entre outros.

Problematizar as mensagens produzidas pela mídia significa ir além da simples posição de “consumidores de informações”, mas exercer a cidadania no que se refere aos princípios básicos da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 que defende a dignidade e a liberdade de expressão inerente a todos os membros da família humana independente da raça, religião, sexo, convicções e nacionalidade.

Tal proposta defende um projeto de sociedade baseada nos princípios de democracia e justiça social, assim como representa um instrumento para a construção da cidadania ativa na luta pela eliminação de práticas violentas e discriminatórias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho aqui desenvolvido seguiu no sentido de contribuir para uma reflexão acerca do papel da mídia na conformação de opiniões, e como a figura feminina é apresentada nestes espaços. Apesar de uma pretensa discussão sobre os direitos e o respeito para com a mulher na sociedade, os discursos veiculados subliminarmente assim como a imagem contraditória que se apresenta ao longo da trama, vem configurar mais uma perspectiva ideológica de propagação de uma imagem discriminatória que demonstra um entendimento diverso sobre o papel desempenhado pela mulher na sociedade atualmente. É importante perceber que estes meios também educam e estão constantemente conformando opiniões machistas e degradantes sobre a mulher.

## REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Lady S. F., LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry, LEWIS Liana, QUADROS, Marion T. (orgs.). **Gênero, Diversidade e Desigualdades na Educação**. Recife, Editora universitária da UFPE, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2010.
- BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos - CNEDH. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. MEC.MJ UNESCO, 2006.
- BUARQUE, C. VAINSENER, S. A. ONGS no Brasil e a questão de gênero. In: Trabalhos para discussão, nº 123, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_, História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: \_\_\_\_\_ **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Vozes, 2010
- LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (org.). **Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- LUNA, Maria e FREITAS Luciano. Violência contra a mulher e promoção da igualdade In: SEMENTE Marcia. **Educação em Direitos Humanos e Diversidade**. Recife. Ed. Universitária. 2012.
- HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos: uma história**. Companhia da Letras. São Paulo. 2009
- MACEDO, Donald e BARTOLOME, Lilian. O racismo na era da globalização. In: IMBERNÓN, Francisco. **A Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Trad. Ernani Rosa. 2ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de análise do material qualitativo: Análise de conteúdo. In: \_\_\_\_\_ **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Editora Hucitec, 2006.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- MORIN, E.. **Os Desafios da Complexidade**. In: MORIN, E. (Org.). A Religação dos saberes:

o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos/ Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. - Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

RIOS, Luiz e ADRIÃO, Karla. Diversidade sexual- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. In: SEMENTE Marcia. **Educação em Direitos Humanos e Diversidade**. Recife. Ed. Universitária. 2012.

Silva, Cidinha da. **A favela em 'Salve Jorge'**. 2013. Disponível em:  
[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed741\\_a\\_favela\\_em\\_salve\\_jorge](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed741_a_favela_em_salve_jorge)

TAVARES, Selma **In: In: SILVA, Aída e TAVARES, Celma**. Políticas e Fundamentos da Educação em Direitos Humanos. São Paulo. Cortez.2010.

TELES, Maria Amelia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense, 2003.